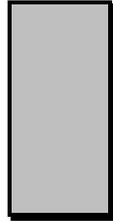


Artigo



FRONTEIRAS ETÉREAS: A ARTE DE CURAR, O ESPIRITUALISMO, SUAS CORRENTES E CONTRACORRENTES

Gláucia Regina Silveira¹

Introdução

A vida após a morte sempre foi um motivo de inquietação entre os vivos. Tentando desvendar os mistérios que envolvem a vida fora da matéria, alguns homens do Período Iluminista tentaram abrir uma via de acesso entre o mundo material e o mundo espiritual.

Esse canal foi aberto durante o século XVIII, tendo, entre outras, a influência de doutrinas ligadas à arte de curar. Caminhando paralelas à prática médica acadêmica, as doutrinas alternativas de cura acabaram permitindo o surgimento de intermediários entre vivos e mortos que, mais tarde, foram organizados e instruídos a partir da Doutrina Espírita compilada por Allan Kardec, no século XIX.

Partindo da dessacralização da Natureza, apresentaremos algumas teorias elaboradas no final do século XVIII, que, com o passar do tempo interagiram entre si e deram origem a novas teorias.

¹ Doutoranda em História Social pela Unicamp.

Nosso foco recai sobre a arte de curar, por isso todo o artigo está centrado em depoimentos e personagens envolvidos com as diferentes práticas médicas. A intenção dele é mostrar como as limitações da medicina acadêmica, o desenvolvimento da ciência materialista/mecanicista, a dessacralização da Natureza e as inquietações dos homens com relação à vida após a morte produziram importantes doutrinas que colocaram em xeque o progresso da medicina e da ciência do período.

Espiritualismo e racionalismo

O século XVIII abrigou movimentos sociais, culturais, intelectuais, filosóficos, artísticos e religiosos que tomaram por base diferentes correntes de pensamento. Essas correntes partiram, sobretudo, da oposição existente entre o racionalismo e o espiritualismo que marcou esse período: "...o espírito do século XVIII caracterizou-se pelo dualismo. Os símbolos para esta dualidade podem ser encarnados em dois homens : Voltaire e Swedemborg. Voltaire, coroado pela deusa Razão, Swedemborg, conversando com os anjos pelas ruas de Londres" (Machado, 1983:22).

O espiritualismo caminhou lado a lado com o movimento materialista e racionalista, e permitiu que os séculos XVIII e XIX conhecessem uma nova postura do homem frente ao sobrenatural e ao maravilhoso. As incertezas sobre a vida após a morte e o próprio questionamento de que talvez a morte não fosse o fim de tudo, levaram os homens a debruçarem-se sobre essas questões, tentando encontrar uma saída racional para as dúvidas sobre o mundo espiritual. A morte foi o grande impulso para o florescimento dos movimentos espiritualistas do período (Silva, 1993:8).

A ânsia do homem de transpor a barreira entre a vida e a morte, tornando o mundo espiritual passível de ser apreendido, conhecido e questionado, permitiu um novo olhar sobre a morte e seus desdobramentos.

O imaginário cristão, muito presente no mundo ocidental contemporâneo, possuía uma posição bem definida com relação à morte. As saídas para o espírito são bastante restritas após o último suspiro. A princípio, ele deverá aguardar pelo Juízo Final, quando todos serão julgados e cada qual receberá a sua recompensa, conforme seus atos em vida.

Céu ou inferno, são esses os dois únicos caminhos disponíveis para o espírito após a morte. O apóstolo João, que escreveu o Apocalipse (último livro da Bíblia Sagrada), assim descreveu o destino do homem quando o último sopro de vida espirar: “Vi também os mortos, os grandes e os pequenos, postos em pé diante do trono... E os mortos foram julgados, segundo as suas obras...” (Apocalipse, 20:12).

Herdar o céu ou o inferno, para os cristãos, era e é uma questão complicada. Apesar de saber o que ocorrerá após o Juízo Final, não há uma clareza quanto ao destino do espírito após a morte e o próprio fato de inquirir os mortos é considerado anátema.

O que nos espera além da vida material? Essa questão incomodou alguns homens do final do século XVIII que passaram a questionar os mortos a fim de receber esclarecimentos sobre a vida além-túmulo.

Kaspar Lavater (1741/1801) foi um pastor calvinista de Zurique que se inquietou com o mundo imaterial. Apesar de estar sob a tradição do cristianismo protestante, ele debruçou-se sobre a questão da vida após a morte e, no final do século XVIII, escreveu à imperatriz Maria da Rússia palavras ditadas por um morto. Essa fonte nos revela o importante papel do intermediário (mais tarde denominado por Allan Kardec, o compilador da doutrina espírita, como médium):

Carta de um defunto a seu amigo, habitante da Terra, sobre o estado dos Espíritos desencarnados. Foi afinal permitido, querido amigo, satisfazer, ainda que só em parte, o desejo que eu tinha e também partilhavas, de comunicar-te alguma coisa sobre o meu estado atual...

Encontrei um Espírito, ou antes, um homem acessível à luz, do qual pude me aproximar, e é por seu órgão que me dirijo a ti...

Pouso sobre a fronte dele...suscito idéias e ele as descreve sob a minha direção, por efeito da minha irradiação... (Silva, 1997:17).

A curiosidade sobre o que nos espera depois da vida material levou os homens a uma nova postura frente a vida, a morte e a vida fora da matéria e influenciou de forma decisiva a codificação da doutrina espírita kardecista no século XIX.

A Natureza sob diferentes enfoques

Com o movimento de dessacralização iniciado a partir do racionalismo, não apenas a morte foi profanada, mas também o homem e tudo que o rodeava.

A Natureza, por exemplo, passou a ser vista como mais um campo a ser estudado, conhecido e questionado, encerrando assim, qualquer traço divino que pudesse carregar. Através da ciência, o homem pôde aproximar-se da Natureza, não como algo a ser contemplado, mas como um objeto a ser estudado (Luz, 1988:21/23).

Esta nova relação com a Natureza se opôs à forma como o cristianismo a tratava: um exemplo de perfeição da Criação Divina, digna de ser contemplada pelos homens. Suas leis e seu funcionamento eram desconhecidos e inacessíveis. Misteriosa, ela permaneceu por muito tempo temida, até que a ciência materialista resolveu mecanizá-la :

Campo encerrado dos deuses indulgentes ou maliciosos, domínio esplêndido e harmonioso dos deuses-astros, escala graduada de perfeições que, mais humilde, remontam ao Primeiro Móbil e ao Primeiro Motor. Deusa inconsciente dos estóicos, criação, para o Hebreu da Bíblia, de um Deus que prepara a morada do homem, regresso do Grande Pan com os filósofos do Renascimento e, alguns anos mais tarde, mecânica dada pelo Criador ao homem que aprende a manejá-la como

um brinquedo, novo ídolo do naturalismo do século XVIII, espécie de deus esvaziado pela física mecanicista...” (Lenoble, 1969:317-8).

Os racionalistas transformaram a Natureza num vasto campo de estudo. Através dos métodos mecanicistas, eles foram buscar meios de superar a falta de conhecimento numa área sacralizada durante anos. Mas não foram os únicos: a Natureza seduziu também homens que não compactuavam com o árido materialismo.

Os *naturphilosophens*, ou filósofos da Natureza, surgiram no final do século XVIII. Esses homens também foram buscar na Natureza respostas para as suas questões. As características que embasavam a doutrina por eles professada podem ser resumidas, basicamente, em três pontos: “a) Uma concepção da Natureza como texto a ser decifrado com o auxílio de correspondências [...]; b) [...] tentativa de captar um Todo animado de polaridades dinâmicas; c) A identidade do Espírito e da Natureza, considerados como os dois germes de uma raiz comum [...]” (Faivre, 1994:76).

A característica que diferencia de forma marcante os *naturphilosophens* e os empírico-materialistas é a seguinte: os primeiros pensam a Natureza a partir de uma visão espiritualista, enquanto os segundos reduzem-na a um objeto de pesquisa inanimado.

A oposição entre espiritualistas e materialistas é particularmente importante, pois não foram somente os filósofos da Natureza que se voltaram para a Natureza a fim de inquirir sobre ela. Os racionalistas também. Ambos tornaram-na uma fonte a ser pesquisada, mas com motivações diferentes. Tal postura frente a Natureza permitiu o desenvolvimento de grandes e antagônicas correntes de pensamento que circularam por todo o século XIX. Espiritualistas e materialistas partiram de um mesmo ponto, mas chegaram a resultados bem diferentes.

Vários foram os adeptos da filosofia da Natureza, mas dentre eles destacaremos três (que circularam no campo espiritualista), pois estão ligados à mesma fonte teórica e exerceram importante influência no Brasil do

século XIX. Neste artigo, o enfoque dado a esses três *naturphilosophens* tem um objetivo bem definido: mostrar como as suas respectivas doutrinas interagiram, permitindo o surgimento de novas idéias e diferentes posturas frente ao mundo fora da matéria.

Anton Mesmer, Charles Fourier e Sammuell Hahnemann sistematizaram diferentes doutrinas, mas possuem um ponto em comum: eles não concordaram com o que o racionalismo materialista estava fazendo na sociedade em que viviam e por isso saíram em busca de alternativas para resolver o que consideravam problemas por ele gerados.

No Brasil, a articulação entre as doutrinas desses três *naturphilosophens* ganhou um toque brasileiro e enriqueceu o nosso cenário cultural, tanto no campo das idéias, como no campo da medicina e da religião.²

Mesmer e o magnetismo animal

Entre os *naturphilosophens*, o médico Franz Anton Mesmer (1734/1815) ocupa um lugar de destaque. Excêntrico e misterioso, chegou à Paris em fevereiro de 1778, com o objetivo de demonstrar uma nova forma de cura embasada na sua descoberta da existência de “[...] um fluído ultrafino que penetrava e cercava todos os corpos” (Darnton, 1988:13/4).

A nova terapêutica de cura causou um frisson entre os franceses que desembolsaram verdadeiras fortunas para participar de uma reunião de magnetismo e presenciar: “[...] a capacidade de Mesmer de operar com seu fluído, lançando seus pacientes em espasmos de tipo epilético ou transes sonambúlicos e curando-os de males que iam desde a cegueira até o tédio produzido por excesso de atividade do baço” (Darnton, 1988:14).

² Este artigo não tratará dessa questão, que está sendo desenvolvida em nossa tese de doutorado.

Famosas foram as sessões coletivas organizadas por Mesmer, produzidas como um espetáculo que nem de longe assemelhava-se a uma consulta médica:

A famosa cuba, a varinha mágica, as exquisiteces de vestuário e os misteriosos acordes de cítara que armavam o efeito; as convulsões que duravam horas inteiras, com estremecimentos, grito agudos, chôros ou risos imoderados, sufocações, sobressaltos; as mulheres que caíam com ataques e cujos espartilhos se afrouxavam em público...” (Bué, 1935: 146-7) (Mantida a grafia original.)

Mesmer publicou em 1779 *A memória*, sobre a descoberta do magnetismo animal, mas durante muito tempo relutou em tornar pública a sua terapêutica curativa. Finalmente, acabou cedendo, em troca de uma avultada soma em dinheiro, e criou em torno de si um círculo fechado de discípulos. Os primeiros discípulos acabaram multiplicando-se pela França e divulgando o magnetismo sem cobrar nada por isso (Bué, 1935: 142-3).

A doutrina elaborada por Mesmer afirmava que a saúde era decorrência da harmonia do organismo e encarava a doença como um estado de desarmonia. Tal postura encontrou logo uma grande resistência entre os médicos de sua época. Apesar disso, tendo como simpatizantes de sua doutrina médica o compositor Mozart e a própria Maria Antonieta, Mesmer permaneceu em terras francesas, divulgando a sua arte de curar e criticando o caráter letal da medicina acadêmica do período.

Os médicos elaboraram duras críticas a Mesmer e, em 1784, uma comissão de médicos condenou o magnetismo. Também não faltaram charges e imagens caricaturadas que ridicularizavam as sessões de magnetismo animal e tentavam desprestigiar a prática do mesmerismo. Alguns versos induziam o leitor a refletir sobre a imoralidade que havia por trás do método de cura descoberto por Mesmer :

Que o charlatão Mesmer,
Com um outro confrade

Cure muitas mulheres;
Que vire suas cabeças,
Apalpando-as não sei onde
É louco
Muito louco
E não acredito de jeito nenhum.
(Darnton, 1988 : 55/6)

Combatida pelos médicos como charlatanismo e pela Igreja Católica como diabolismo, a descoberta de Mesmer e seus efeitos sobre o organismo debilitado foi amplamente divulgada e praticada, mesmo após a sua morte em 1815.

Fourier e a sociedade ideal

François Marie Charles Fourier (1772/1837) desenvolveu, no final do século XVIII, uma interessante teoria sobre os efeitos do capitalismo sobre os homens ocidentais. Embasando-se em uma utopia socialista, ele idealizou uma sociedade perfeita, o falanstério, que deveria ser composta por diferentes tipos psicológicos e localizada numa área de bosques e rios, onde os falansterianos fossem mantidos em contato com a Natureza.

Toda a crítica de Fourier está voltada ao capitalismo e ao processo civilizatório que, segundo ele, gerou homens egoístas e incapazes de serem verdadeiramente felizes. Sua preocupação com os homens durante a permanência deles na Terra veio, provavelmente, de sua simpatia pelo reencarnacionismo. Para Fourier, o mundo duraria 80 mil anos e, ao final dos mesmos, cada indivíduo teria experimentado 1.626 existências terrenas (Thiago, 1995:22).

Fourier ressaltou a importância da Natureza sob um prisma muito definido: ele a entendia como algo oposto ao mundo civilizado. Instintos, gestos, sentimentos e desejos reprimidos levaram os homens à infelicidade. Em sua doutrina, Apolo e Dionísio lutam a todo instante para aprisionar/libertar os

homens do jugo civilizatório: “ Eu, sozinho, teria convencido vinte séculos de imbecilidade política, e é em mim, que as gerações presentes e futuras terão a iniciativa de sua imensa felicidade. Antes de mim, a humanidade perdeu vários milhares de anos lutando contra a Natureza” (Petifils, 1978: 88).

Contemporâneo de Mesmer, Fourier esteve a par das idéias proclamadas pelos magnetizadores. Algumas delas tinham pontos em comum com o ideal utópico-fourierista. Nicolas Bergasse (um dos maiores discípulos de Mesmer), por exemplo, compactuava com Fourier o desejo de um dia ver a humanidade guiada pela Harmonia Universal (Darnton, 1988:123).

Os pontos em comum entre fourieristas e mesmeristas não foi aceito por Fourier, que rejeitou qualquer dívida em relação aos magnetizadores. Apesar das resistências do mestre, alguns fourieristas juntaram suas idéias com as de Mesmer, abrindo um diálogo entre essas duas doutrinas, através de uma via mística, inclusive : “Fourier, pessoalmente, não consentiu em ser mesmerizado em seu leito de morte, mas comunicou-se mesmericamente com seus discípulos depois de sua morte, e os espíritos que falaram numa sessão fourieristas com “mesa giratória” em 1853 demonstravam um excelente domínio do mesmerismo [...]” (Darnton, 1988:124).

Defensor de uma personalidade radical, Fourier conseguiu fazer uma análise crítica das conseqüências do capitalismo, enquanto imaginava uma nova aurora boreal, capaz de alterar o clima da Sibéria e produzir um ácido cítrico boreal que transformaria a água do oceano em limonada (Saliba, 1991:75).

Além dos adeptos do mesmerismo, Fourier reuniu um grupo de discípulos ávidos por colocar a sua teoria em prática. As suas idéias chegaram ao Brasil na primeira metade do século XIX e um projeto para a construção de um falanstério foi proposto ao governo brasileiro por um francês chamado Benoît Jules Mure. Com a chegada desse homem em 1840, os ideais utópico-fourieristas foram difundidos no Brasil, juntamente com uma nova prática de cura, a homeopatia, que encontrou em Mure um de seus maiores divulgadores (Silveira, 1997).

Hahnemann e a homeopatia

Considerado um dos representantes da filosofia da Natureza, Christian Friedrich Samuel Hahnemann (1755/1843) foi contemporâneo de Mesmer e Fourier.

Doutorado em medicina, Hahnemann permaneceu por muito tempo longe da prática médica por considerá-la ineficaz. Seus questionamentos pairavam, sobretudo, no local de atuação do remédio. Em 1796, ele publicou, pela primeira vez, um artigo intitulado “Ensaio sobre um novo princípio de cura para descobrir as virtudes curativas das substâncias medicinais”, no *Jornal de Hufeland*, tornando pública a homeopatia moderna.

Similia similibus curantur, ou seja, os semelhantes curam-se pelos semelhantes, é a base da homeopatia. Esse postulado foi descoberto por Hipócrates (460/435 a.C.), ilustre médico da Antiguidade, e retomado por Hahnemann no final do século XVIII.

Seguindo um processo empírico, Hahnemann afirmou ser possível curar uma doença produzindo no organismo uma doença artificial gerada por um medicamento. Para saber o que prescrever, o homeopata deveria guiar-se pelos sintomas e ir buscar na Natureza uma substância capaz de produzir sintomas semelhantes (doença artificial) aos apresentados pelo indivíduo doente. Ingerindo o medicamento, o organismo ficará duplamente doente, o que estimulará sua energia vital (esse princípio, segundo Hahnemann, funciona como um gerenciador do organismo [matéria] e do espírito) a reagir e permitir o retorno do estado de saúde. (Hahnemann, 1962: # 7 e 29).

Assim como Mesmer, Hahnemann encarou a doença como um estado de desarmonia do organismo e, partindo desse ponto, elaborou toda a sua doutrina médica, que foi sistematizada a partir de um processo empírico que incluía testes feitos em si mesmo. Contrariando a medicina de sua época, Hahnemann elegeu o médico como o instrumento mais indicado para des-

crever as alterações sofridas num organismo após a ingestão de um medicamento, de acordo como o parágrafo 141 do *Organon*.

Em busca de uma melhor opção de cura para as doenças e para o doente, Hahnemann fez oposição à medicina de sua época e teceu comentários sobre os novos métodos curativos alternativos que surgiam. No parágrafo 288 do *Organon*, ele referiu-se ao mesmerismo como “[...] um presente maravilhoso, incomensurável de Deus para a humanidade [...]”.

Houve uma certa interação entre a homeopatia e o mesmerismo. Hahnemann aceitou o magnetismo animal, mas não os seus desdobramentos. Ele condenou a utilização do magnetismo para colocar um indivíduo em estado de sonambulismo, prática comum nesse período e sobre a qual falaremos em seguida.

Em sua obra não é possível perceber a dimensão do envolvimento de Hahnemann com o mesmerismo, mas tudo indica que ele o tenha estudado, e até praticado, segundo relatou no *Organon* na nota 4 do parágrafo 289.

Desenvolvendo uma nova teoria médica, Hahnemann lançou um novo olhar sobre o corpo, a saúde e a doença. A sua posição contra a medicina praticada no período custou-lhe muitos inimigos, mas não o impediu de elaborar incisivas críticas: “Assim aniquilada a doença, o único objetivo do médico que conhece o verdadeiro escopo de sua missão, que não consiste em falatórios que soam a erudição mas, em dar auxílio ao doente” (Hahnemann, 1962: # 289).

Magnetizadores, homeopatas, sonâmbulos e o mundo espiritual

O magnetismo animal de Mesmer foi muito difundido na Europa e na América (inclusive no Brasil) e, por esse motivo, tornou-se alvo de fortes críticas elaboradas pela medicina acadêmica. Em contrapartida, muitos ho-

meopatas aprovaram os métodos mesmeristas de cura e chegaram a defendê-lo dos freqüentes ataques.

Não são poucos os exemplos que poderíamos relatar sobre esse tipo de aliança, que deixava os médicos furiosos, pois as novas práticas de cura apresentavam, para o paciente, opções variadas de tratamento que, em muitos casos, não dependiam sequer da intervenção do médico.

Para exemplificar o que estamos afirmando, separamos um testemunho dado por uma paciente que se automedicou por meio de um transe magnético e utilizou a medicação homeopática no seu tratamento:

“Estou salva! Com o auxílio da homeopatia, o magnetismo restituiu-me suavemente à vida, que se extinguia pouco a pouco. Hoje, depois de três meses do mais simples tratamento, do mais natural, vejo-me em vésperas de ficar radicalmente curada duma moléstia sempre muito grave, freqüentemente mortal, e que a alopatia jamais deixa de conceituar incurável. (Bué, 1935:127). (Mantida a grafia original.)

As celeumas entre alopatas, magnetizadores e homeopatas foram intensas durante todo o século XIX, e muitos processos foram abertos contra homeopatas e magnetizadores por exercício ilegal da medicina, o que reforçou a aliança entre esses grupos, marginalizados pela medicina acadêmica. Apesar da perseguição, homeopatas e magnetizadores não deixaram de criticar a medicina acadêmica e de adjetivá-la como ciência imperfeita e perigosa :

“Um médico, depressa !...

Virá o médico àquela hora da noite ? Onde encontrá-lo ? É preciso procurá-lo...

Enfim, chega o médico.

Toda a esperança daquela mãe concentra-se nêle. O facultativo é o homem da ciência, que conhece a moléstia; é o salvador que trás o remédio.

Doutor, salvai-a.

Ó, desilusão ! O homem da arte, insuficientemente armado contra o mal, nem sempre é portador daquilo que se espera. Chamado, vem com todas as incertezas, todos os êrros de uma ciência incompleta, que

nos desvendou ainda muito pouca cousa das leis da vida” (Bué, 1935: 190). (Mantida a grafia original.)

Estabelece-se o confronto entre as diferentes formas de cura que lutavam por legitimar-se entre a população, porque as formas alternativas de cura incomodavam demais a medicina acadêmica. Conhecia-se, nesse período, muito pouco sobre as doenças e seus tratamentos, o que tornava a arte acadêmica de curar vulnerável aos ataques de seus opositores.

Vamos deixar que um paciente nos relate um pouco de suas dificuldades para encontrar o alívio de seus males. O paciente em questão era tintureiro numa pequena cidade da França e começou, em 1850, a sentir os sintomas de uma doença reumática. O tratamento foi iniciado à base de banhos sulfurosos e vesicatórios volantes sobre os rins, coxas e barriga das pernas. Depois de dezoito meses as dores voltaram e o paciente dirigiu-se a Paris em busca de médicos mais capacitados para tratar a sua doença. Uma vez lá, teve de apresentar um atestado falso para conseguir vaga em um hospital e ser examinado por um famoso médico, o Dr. Bouillaud. Este concedeu alta ao paciente por não considerá-lo doente. A partir daqui, o paciente tem a palavra:

“[...] entrei para o hospital Beaujon [...]

Fui submetido [...] a uma conferência [...] e o próprio Dr. Bouillaud [juntamente com outros médicos], que alguns dias antes não quisera reconhecer-me doente e me expulsára do seu hospital, decidiram que se devia aplicar-me a cauterização transcurrentes de ferro em brasa, dos rins até aos calcanhares.

Cloroformizaram-me para fazer esta cruél operação [...], ao começar a supuração, sofri torturas mil vezes mais horríveis que a própria moléstia. Ao fim de quarenta dias, as feridas feitas pelo ferro em brasa estavam apenas cicatrizadas, quando falaram em submeter-me a uma segunda operação [...] deixei o hospital.

Já não sabendo a que santo recorrer [...] fui procurar um médico homoeopata, cujas prescrições segui durante alguns dias [...]

[...] Parei com todos os remédios e limitei-me simplesmente a cobrir-me de lã. A molestia desapareceu [...] quando, dous anos depois, ela reapareceu bruscamente.

Entrei para o hospital da localidade [...]

No dia seguinte, o Dr. Hubert, [...] mandou que eu ficasse nú no meu leito, e sem advertir-me do que ia fazer, de pincel em punho, cobriu-me a pele, desde a nuca até aos calcanhares, de ácido sulfúrico, renovando com êste cáustico violento as cauterizações que me haviam feito em Paris com ferro em brasa [...] Apesar de toda a minha coragem...tive que renunciar ao tratamento.

Durante alguns anos, estive quase bom...quando em 1859...fui de novo surpreendido pelas dôres; como, então, achava-me casado, fiz-me tratar em minha casa.

Aplicaram primeiramente alguns vesicatórios depois fizeram-me uma operação muito dolorosa, enterrando-me na perna, ao longo do nervo ciático, quatorze agulhas.

Depois dessa operação, tornando-se as dôres mais agudas do que nunca, procuraram acalmá-las por injeções subcutâneas de morfina, fricções de linimentos diferentes, tais como óleo canforado, bálsamo tranqüilo, óleo de meimêndro, terebintina, etc., mas sem resultado algum [...]" (Bué, 1925:165 a 173). (Mantida a grafia original.)

O paciente identificado como Sr. D., após os sofrimentos experimentados pelo tratamento feito, decidiu procurar um magnetizador, que lhe restabeleceu a saúde. Essa atitude é bastante freqüente nesse período: recorrer às terapêuticas alternativas quando a medicina acadêmica falhava. Mas o magnetismo extrapolou as fronteiras da cura e deu margem para o aparecimento da figura do sonâmbulo que entrava em transe após ser magnetizado. Os sonâmbulos abriram caminho para que os médiuns surgissem, pouco mais tarde (Eldeman, 1995:9).

Iniciando uma nova fase da prática do magnetismo, o estado de sonambulismo era decorrência de um transe magnético aplicado pelo magnetizador ou pelo próprio magnetizado com o objetivo de obter maiores detalhes sobre a doença.

O marquês de Puysegur, discípulo de Mesmer e descobridor da hipnose, acompanhou vários pacientes que se autotratavam, aplicando em si mesmos os passes magnéticos para entrar em transe sonambúlico. Segundo o marquês, todo o segredo estava em “crer e querer”.

A divisa “crer e querer” aponta para uma ânsia, por parte dos magnetizadores, de socializar os novos conhecimentos. E isso não ocorreu por acaso. Sofrendo fortes influências dos utópicos-socialistas, os magnetizadores organizavam seus espaços a partir de outras bases que não as bases capitalistas e mecanicistas em vigor. Eles não negavam a sociedade do período, mas esforçavam-se para reorganizá-la (Eldeman, 1995:60)

Com o advento do sonambulismo, surgiram várias “especialidades” ligadas aos diferentes sonâmbulos. Havia, por exemplo, sonâmbulos-curadores (*guérisseur*) que diagnosticavam as doenças e trabalhavam como auxiliares de médicos. Havia os sonâmbulos-profetas, ou ainda outros que, em transe sonambúlico, discursavam sobre diferentes doutrinas socialistas. Muito interessantes são os sonâmbulos-videntes que conversavam com seus parentes mortos, com outros espíritos, com o Espírito Santo, com a Virgem Maria e com o próprio Deus (Eldeman, 1995: cap.1).

Sobre os sonâmbulos-curadores é preciso destacar que a forma utilizada para descrever as doenças e os meios de cura distinguia-se da forma como os médicos a apresentavam. Falando de forma simples e sem utilizar os jargões médicos, os sonâmbulos-curadores desempenhavam o papel de intermediários entre o médico e o doente.

Saindo do mundo material, os sonâmbulos entravam no mundo espiritual e começavam a formular teorias sobre a vida após a morte, o suicídio, o diabo, a doença e a alma, entre outros assunto. Eles abriram um canal para que os vivos e mortos pudessem entrar em contato.

O fenômeno do sonambulismo que surgiu atrelado às práticas médicas alternativas, pode ser tomado como precursor da mediunidade espírita do século XIX. Os sonâmbulos, já no século XVIII, ultrapassaram a linha etérea

entre o material e o espiritual, e a partir daí iniciaram a elaboração de uma nova doutrina que teve em Allan Kardec um de seus maiores expoentes, com uma característica que os diferenciava dos seus antecessores: o médium não precisava ser magnetizado para estabelecer contato com os mortos. Para ser um médium bastaria querer, crer (como já havia proposto o marquês de Puysegur), mas também estudar a doutrina espírita e, sobretudo, praticar a caridade e seguir seus princípios de amor e bondade. Mas essa, é uma outra história.

Considerações finais

O século XIX conheceu novas e fascinantes alianças entre as mais variadas doutrinas elaboradas nos campos da medicina, da filosofia, da sociologia etc.

A aproximação entre o mesmerismo, o fourierismo e a homeopatia causou um certo desconforto entre os médicos ligados à Academia. Tanto o magnetismo animal quanto a homeopatia foram perseguidos pelos médicos que os classificavam de charlatanismo.

A aliança entre esses dois tratamentos alternativos aponta para uma forma mais elaborada de resistência contra uma terapêutica oficial que ainda lutava pela sua legitimação entre a população.

Podemos também perceber a importância do magnetismo para o surgimento da figura do médium (pessoa que se coloca como mediadora entre vivos e mortos) no século XIX. Os sonâmbulos (pessoas magnetizadas com o objetivo de saber detalhes sobre a sua doença), abriram caminho para novas experiências com o mundo sobrenatural.

A dessacralização da Natureza, as inquietações dos homens frente ao mundo fora da matéria (causadas pela ciência materialista) e o descontentamento com a medicina do período, tornaram possíveis alianças inusitadas entre diferentes doutrinas e levaram (quase um século antes da compilação do espiritismo por Allan Kardec) ao aparecimento da figura do médium.

Com isso, um novo olhar foi lançado sobre a vida após a morte, mas em nada diminuiu as inquietações que pairam sobre as fronteiras etéreas entre o mundo material e o espiritual.

Referências bibliográficas

- Bíblia Sagrada*. 1969. Edição revista e atualizada. Brasília: Soc. Bíblica do Brasil.
- BUÉ, Alphonse. 1935. *Magnetismo e hipnotismo curativo*. Rio de Janeiro: FEB.
- DARNTON, Robert. 1988. *O lado oculto da revolução: Mesmer e o final do Iluminismo na França*. São Paulo: Companhia das Letras.
- ELDEMAN, Nicole. 1995. *Voyantes, guérisseuses et visionnaires em France (1785-1914)*. Paris: Albin Michel.
- FAIVRE, Antoine. 1994. *Esoterismo*. Campinas: Papirus.
- LENOBLE, Roberto. 1969. *História da idéia de Natureza*. Lisboa: Ed. 70.
- LUZ, Madel T. 1988. *Natural, racional, social: Razão médica e racionalidade científica moderna*. Rio de Janeiro: Campus.
- MACHADO, Ubiratan. 1983. *Os intelectuais e o espiritismo: de Castro Alves a Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Antares.
- SALIBA, Elias T. 1991. *As utopias românticas*. São Paulo: Brasiliense.
- SILVA, Eliane M. 1993. "Vida e morte: o homem no labirinto da eternidade". Tese de doutorado apresentada ao Departamento de História do IFCH. Unicamp.

_____. 1997. "O espiritualismo no Século XIX", in *Textos Didáticos*. IFCH/Unicamp, nº27, maio.

SILVEIRA, Gláucia R. 1997. "Utopia e cura: A homeopatia no Brasil Imperial (1840-1854)". Dissertação de Mestrado apre-

sentada ao Departamento de História do IFCH. Unicamp.

THIAGO, Raquel S. 1995. *Fourier: utopia e esperança na península do Saí*. Blumenau: Editora da FURB; Florianópolis: Editora da UFSC.